



**A REPETIÇÃO DE PADRÃO NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS ABORDADO NO
LIVRO *É ASSIM QUE ACABA*, DE COLLEEN HOOVER**

Nicolly Cristina Aquino do Nascimento
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dr. Alexandre Ferreira da Costa
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Este artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre como as vítimas agem dentro dos relacionamentos abusivos. Através dessa leitura, buscamos entender a perspectiva de uma mulher que, ao enfrentar seus traumas, se vê presa em um ciclo de repetição de padrões destrutivos. Ao aprofundarmos essa análise, percebemos que essas situações são muito mais complexas do que aparentam, e é essencial falar sobre elas para alertar inúmeras meninas e mulheres que, infelizmente, não tiveram exemplos saudáveis de relacionamentos em seus lares. Este conhecimento pode servir como um direcionamento, mostrando que esses ciclos podem ser quebrados. Quando uma mulher desenvolve autoconhecimento e fortalece sua autonomia, ela se torna mais capaz de evitar o sofrimento em futuros relacionamentos. Afinal, nunca há justificativa para qualquer tipo de agressão; todos merecemos ser respeitados e cuidados. Por meio da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, e por meio do estudo de Freud sobre a repetição de comportamento, foi possível realizar um estudo para compreender um pouco melhor as vítimas que se encontram dentro de relacionamentos abusivos, possibilitando refletir sobre como acontecem as repetições de padrões nesse tipo de relação afetiva.

Palavras-chaves: Relacionamento abusivo; Violência Psicológica; Violência Sexual; Repetição de Padrões.

*Of patterns in abusive relationships addressed in the book *It ends with us*, by Colleen*

Hoover

Abstract: This research aims to promote reflection on how victims act within abusive relationships. Through this reading, we seek to understand the perspective of a woman

who, when facing her traumas, finds herself trapped in a cycle of repeating destructive patterns. As we delve deeper into this analysis, we realize that these situations are much more complex than they appear, and it is essential to talk about them to alert countless girls who, unfortunately, did not have healthy examples of relationships in their homes. This knowledge can serve as guidance, showing that these cycles can be broken. When a woman develops self-knowledge and strengthens her principles, she becomes more capable of avoiding suffering in future relationships. After all, there is never justification for any type of aggression; We all deserve to be respected and cared for. Through qualitative bibliographical research, it was possible to carry out research to better understand the victims who find themselves in abusive relationships, making it possible to reflect on how repetitions of patterns occur.

Keywords: Abusive relationship; Psychological Violence; Sexual Violence; Repetition of Patterns.

1. Violência doméstica

O livro *É assim que acaba*, da autora Colleen Hoover (2016), aborda como um dos temas principais a violência doméstica, retratando as complexidades de relacionamentos abusivos e os desafios que as vítimas enfrentam para escapar dessas situações. Infelizmente essa é uma realidade presente na vida de muitas mulheres, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. É triste pensar que mesmo com o passar dos séculos, as mulheres ainda se encontrem em circunstâncias em que são agredidas, desrespeitadas e manipuladas, por seus próprios companheiros, pois quando decidiram aceitá-los em sua vida, as suas expectativas eram: ser amadas, protegidas e respeitadas. Embora a sociedade continue fazendo propaganda da importância de se construir famílias, não temos acompanhado uma melhoria nas atitudes por parte da população masculina em relação às mulheres, pois lamentavelmente, as circunstâncias atuais continuam sendo de aumento de vítimas femininas, da constante crítica a essas vítimas, enquanto os agressores, como sempre, continuam saindo impunes de seus atos monstruosos.

1.1. Resumo da obra

No livro *É Assim Que Acaba*, acompanhamos a história da personagem Lily, uma jovem que cresce em um lar marcado pela violência doméstica, onde, inúmeras vezes, testemunha as agressões de seu pai contra sua mãe. Embora nunca tenha sido

diretamente vítima dos abusos, Lily não consegue entender por que sua mãe nunca colocou um fim no casamento, o que a leva a prometer a si mesma que jamais cometeria os mesmos erros.

Na vida adulta, Lily conhece Ryle Kincaid, um neurocirurgião bem-sucedido que, por vezes, demonstra o amor que sente por ela. No entanto, em alguns momentos, revela um lado agressivo e temperamental. Juntos, eles constroem uma relação que alterna entre momentos de felicidade e de dor, à medida que o comportamento instável de Ryle se torna mais evidente.

Durante os episódios de desentendimento, as discussões frequentemente culminam em agressões físicas por parte de Ryle. Mesmo diante dessas situações violentas, Lily encontra maneiras de justificar as ações do parceiro, repetindo, sem perceber, as mesmas escolhas de sua mãe.

Ao longo da narrativa, conhecemos Atlas Corrigan, uma figura importante do passado de Lily e seu primeiro amor, que também enfrentou muitos desafios em sua infância. A relação entre Lily e Atlas é marcada por respeito e compreensão e, apesar de seus passados difíceis, os dois mantêm uma conexão genuína e carinhosa, mostrando uma dinâmica diferente daquela que Lily vive com Ryle.

1.2. Impacto do Patriarcado

A violência doméstica envolve agressão física, psicológica, sexual, financeira, moral, parental, intelectual, espiritual, patrimonial, tecnológica e de autoridade de poder. São cometidas contra mulheres, crianças ou idosos, geralmente por pessoas do mesmo ambiente familiar. Esse tipo de violência é muito presente na sociedade devido ao modelo patriarcal em que vivemos, no qual os homens são frequentemente vistos como líderes das casas, enquanto as mulheres são consideradas submissas e frágeis. Isso reforça a ideia de que "o homem é quem manda", aumentando o medo e a resistência das vítimas em denunciar as agressões.

Por meio da leitura do livro analisado, é possível refletir sobre como padrões de comportamento abusivo podem se repetir na vida das vítimas, levando-as a adotar atitudes que antes julgavam inaceitáveis como parte de sua própria história. Através desse enredo, podemos observar o fardo emocional que as vítimas carregam e como a

manipulação de seus parceiros pode aprisioná-las em ciclos de trauma e sofrimento, tornando ainda mais difícil a quebra dessas relações abusivas.

Frases como “Em briga de marido e mulher não se mete a colher” ou “As mulheres apanham porque gostam ou porque provocam” são frequentemente usadas para minimizar a gravidade da violência doméstica, culpabilizando as vítimas ao em vez dos agressores. Esse tipo de mentalidade gera a sucessão de uma cultura de silêncio, na qual as vítimas têm medo de pedir ajuda, pois a sociedade muitas vezes as difama, colocando a responsabilidade do sofrimento sobre elas e não sobre os agressores.

É necessário que esse modelo de família, pelo qual as mulheres sofrem em seus relacionamentos, pois são ensinadas a se silenciar para que a reputação e o sobrenome de sua família não sejam prejudicados, acabe de uma vez por todas. Todas merecem respeito. Independente de classe social, de cor, todas têm o direito de serem tratadas com respeito, e que os seus direitos sejam assegurados.

Aqueles que cometem crimes não devem ser aplaudidos pela sociedade, mas sim, devem ser condenados pelos crimes que cometeram.

E todas as vítimas de relações abusivas não devem se sentir envergonhadas por terem feito parte de relacionamentos que não deram certo, pois, acima de qualquer ideologia imposta pela sociedade, principalmente em relação aos relacionamentos amorosos, a mulher precisa se sentir segura, precisa ter a certeza de que a sua voz será ouvida independentemente de quem é a pessoa que ela decidiu ter ao seu lado.

A sociedade precisa entender que, em situações de agressão, de crimes, as vítimas jamais deveriam sentir medo de serem julgadas ou questionadas, pois para elas, é um ato de bravura exporem a verdade, e denunciarem os seus agressores.

1.3. Dados sobre Violência Doméstica

De acordo com dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, citados pelo site *Exame*, em 2023, 258.941 mulheres foram vítimas de violência doméstica, representando um aumento de 9,8% em comparação ao ano de 2022. Esses números evidenciam a urgente necessidade de políticas públicas mais eficazes para proteger as vítimas e garantir que os agressores sejam devidamente punidos, possibilitando que seus atos tenham consequências reais. Por meio da implementação dessas mudanças, as vítimas podem sentir mais segurança ao buscar justiça,

independentemente da classe social ou do poder econômico do agressor, já que a violência doméstica ocorre em todas as esferas da sociedade, muitas vezes sendo encoberta por privilégios ou influências financeiras.

1.4. Redes de apoio para as vítimas

O apoio de instituições, incluindo a Delegacia da Mulher, é essencial para que as vítimas se sintam seguras e confortáveis ao denunciar seus agressores. Embora a sociedade muitas vezes tenha a tendência de julgar as vítimas, em vez de responsabilizar os agressores, essas instituições têm a responsabilidade de acolher as mulheres, garantindo que as providências necessárias sejam tomadas e que o ciclo de violência seja interrompido.

Esses espaços podem oferecer uma série de serviços fundamentais como acompanhamento psicológico, orientação jurídica e assistência social, criando uma rede de apoio eficaz. Dessa forma, muitas histórias de agressão podem chegar ao fim, tornando-se um ambiente no qual as vítimas sabem que serão tratadas com respeito e terão todo o apoio necessário para reconstruir suas vidas e romper com o trauma.

Existem também algumas leis que oferecem proteção legal para as vítimas, garantindo segurança e justiça:

1. Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), criada para impedir a violência doméstica e familiar contra a mulher;
2. Lei do Divórcio Rápido (Emenda Constitucional 66/2010), a emenda permite que vítimas de violência doméstica tenham a possibilidade de solicitar de modo imediato o divórcio, facilitando e agilizando o processo de rompimento com o agressor.
3. Lei Carolina Dieckmann (12.737/2012), criada para garantir a segurança eletrônica de dados particulares;
4. Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013), garante as vítimas de violência sexual, atendimento médico imediato pelo SUS, acompanhamento médico, psicológico e social, acesso aos exames preventivos, e é também um meio de possibilitar acesso aos direitos que a vítima possui.
5. Lei do Feminicídio (13.104/2015), criada para crimes de homicídios, quando o criminoso assassina uma mulher pelo fato dela ser de gênero feminino;

1.5. Análise do Livro

Uma das constantes consequências para quem viveu em lares abusivos costuma ser a repetição de exemplos negativos de familiares próximos, principalmente dentro de suas próprias casas. Essa repetição é uma atitude realizada de modo inconsciente, mas infelizmente resulta em ações que replicam os comportamentos tóxicos. Segundo o artigo escrito por Sigmund Freud em 1914, “Repetir, recordar e elaborar”: quando se é criança, algumas situações traumáticas, vivenciadas como protagonistas ou apenas como testemunhas, são escondidas em seu subconsciente. Na fase adulta, essas pessoas acabam repetindo esses traumas inconscientemente, por meio de suas ações ou escolhas.

Por meio da história de Lily, personagem principal do livro *É Assim Que Acaba*, de Colleen Hoover, poderemos acompanhar a análise de Freud. Pelo fato de a protagonista ter crescido em um ambiente familiar onde testemunhou a mãe sofrer episódios de violência doméstica, na fase adulta Lily acaba repetindo o mesmo padrão de comportamento. Mesmo após as agressões que acaba sofrendo, ela justifica as atitudes de seu agressor, acreditando e esperando que ele irá mudar e que tais situações não se repetirão. Infelizmente, como traços de personalidade comuns aos agressores, eles possuem o hábito de manipular suas vítimas, dizendo estar arrependidos, se desculpando, buscando compensar seus erros por meio de gestos sentimentais, mas continuam repetindo as agressões.

Apresentamos a seguir a análise de alguns trechos da obra literária que nos ajudam a refletir sobre o exemplo de relacionamento pelo qual Lily cresceu tendo acesso, e como a sua reação diante do relacionamento dos pais foi mudando com o passar do tempo, trazendo a sua perspectiva durante a sua infância e a partir da adolescência da personagem.

Logo no início da história, Lily comenta sobre o comportamento do pai após os episódios de violência contra a esposa:

Meu pai era violento. Não comigo... com minha mãe. Ficava tão alterado quando brigavam que, às vezes, até batia nela. Quando isso acontecia, ele passava uma ou duas semanas tentando recompensá-la pelo o que acontecera; comprava flores ou nos levava para jantar fora. Às vezes, ele comprava alguma coisa para mim porque sabia como eu odiava essas brigas. Quando eu era criança, ansiava por elas, porque sabia que, se ele batesse em minha mãe, as duas semanas seguintes seriam ótimas. —

Paro. Acho que nunca admiti isso nem para mim mesma. — Lógico que, se fosse possível, eu nunca permitiria que a machucasse. Mas a violência era inevitável no casamento dos dois e se tornou nosso padrão. Quando fiquei mais velha, percebi que não fazer nada também me tornava culpada. Passei boa parte da vida o odiando por ser uma pessoa tão ruim, mas não sei se sou melhor. Talvez nós dois sejamos pessoas ruins. (Hoover, 2016, p. 22)

Por meio deste primeiro trecho selecionado, é possível analisar — como a própria personagem comenta — o padrão de violência que acaba se tornando rotina no ambiente familiar. Durante a narrativa, grande parte dos momentos em que temos acesso a descrição de situações em que estão presentes o pai e a mãe, temos apenas acesso a relatos em que a mãe sofreu algum tipo de agressão, seja após o marido ter se alterado por ciúmes, ou por estar bêbado, não temos nenhum momento feliz entre eles.

É notório que os exemplos que a personagem teve dentro de casa do que deveria ser uma relação de amor, respeito e companheirismo, não condizem com a realidade na qual foi submetida a viver. Além disso, o fato de a personagem ter relatado em seus diários os momentos tristes significa que mesmo que caso tenham ocorrido momentos bons, infelizmente os que prevaleceram em suas lembranças foram os momentos ruins, pois eles costumavam ser a realidade frequente de sua família.

Lily comenta que o pai era agressivo apenas com a mãe, que nunca chegou a agredir a filha intencionalmente. No trecho que acabamos de ler, podemos ter uma percepção da opinião de Lily durante a infância diante essas situações, em que ela comenta que ansiava pelos momentos em que os pais brigavam, pois o modo como o pai recompensava as suas próprias atitudes, era por meio de presentes e passeios, direcionados tanto para a esposa quanto a filha.

Podemos ver que uma criança, inicialmente como telespectadora dessas situações, enxerga as agressões como um padrão comum, sem compreender a verdadeira gravidade, pois essa é a realidade a qual fora assujeitada desde muito nova.

A personagem em seu diário relata uma das agressões que acompanhou durante a adolescência, em que o pai após chegar do trabalho e encontrar o carro da esposa na sua vaga na garagem — ela havia deixado o carro estacionado na garagem apenas para descer as compras do mercado que havia feito — começa a agredi-la, mas nesse dia Lily acaba interferindo e se ferindo:

Enfim, minha mãe ficou com aquele olhar bem assustado quando ele começou a buzinar, e me disse para colocar tudo na mesa enquanto ela tirava o carro.

Não sei o que aconteceu quando ela voltou lá para fora. Escutei um estrondo, depois o grito, então saí da garagem achando que talvez ela tivesse escorregado no gelo.

Ellen... nem quero descrever o que aconteceu em seguida. Ainda estou um pouco chocada com tudo.

Abri o portão da garagem e não vi minha mãe. Só vi meu pai atrás do carro fazendo alguma coisa. Dei um passo para perto e percebi porque não estava conseguindo ver minha mãe. Ele a tinha empurrado contra o capô e estava com as mãos em seu pescoço.

Ele a estava estrangulando, Ellen!

Só de pensar, dá vontade de chorar. Ele estava gritando com ela, encarando-a com muito ódio. Dizendo que ela não respeitava seu trabalho árduo. Não sei porque estava zangado, afinal eu só conseguia ouvir o silêncio de mamãe enquanto se esforçava para respirar. Os próximos minutos são um borrão, mas sei que comecei a gritar com ele. Pulei nas costas de meu pai e comecei a bater em sua têmpora.

E depois não estava mais.

Não sei mesmo o que aconteceu, mas acho que ele me jogou para longe. Só me lembro que uma hora eu estava nas costas dele, e depois estava no chão, com a testa muito dolorida. Minha mãe estava sentada ao meu lado, segurando minha cabeça e pedindo desculpas. Olhei ao redor em busca de meu pai, mas não o encontrei. Ele tinha saído de carro depois que bati a cabeça. (Hoover, 2016, p. 112-113)

Por meio deste trecho, podemos acompanhar um progresso em relação ao comportamento de Lily durante a infância -- quando para ela era normal o tipo de relacionamento dos pais, pois ainda não tinha seus próprios questionamentos sobre o matrimônio, sobre as atitudes de seus genitores — e durante a adolescência. Na sua fase adolescente, ela começou a identificar que as atitudes de seu pai com a sua mãe eram extremamente erradas e criminosas. Desse modo, mesmo depois de tentar defender a mãe e acabar se ferindo, a atitude da mãe, acaba magoando a filha, pois Lily pensou que o que aconteceu seria o motivo para que a mãe colocasse um ponto final no relacionamento com o marido. No entanto, a sua atitude é completamente decepcionante para a filha:

Minha mãe me deu um pano e me disse para colocar na cabeça, porque estava sangrando. Ela me ajudou a entrar no carro e me levou para o hospital. No caminho, só me disse uma coisa;

— Quando perguntarem o que aconteceu, diga que escorregou no gelo.

Quando ela disse isso, eu só olhei pela janela e comecei a chorar. Porque tinha certeza de que havia sido a gota de água, que ela o deixaria depois de ele ter me machucado. Foi naquele momento que percebi que ela nunca o largaria. Eu me senti muito derrotada, mas fiquei com medo demais para dizer algo a ela. (Hoover, 2016, p. 113)

Em outro momento do livro, Lily comenta sobre o fato de não conseguir dizer coisas boas sobre o pai no seu funeral. Tudo isso devido ao peso das atitudes terríveis dele enquanto estava vivo e saudável, por causa das atrocidades que o próprio pai cometeu principalmente contra a esposa, causando um impacto negativo na visão da filha em relação a ele:

— Dois dias atrás, minha mãe me pediu para fazer o discurso fúnebre no enterro de meu pai. Eu disse que não ficaria à vontade, que não conseguiria encarar a multidão, que cairia em prantos, mas era mentira. Eu simplesmente não queria; acho que discursos fúnebres devem ser feitos por pessoas que respeitam o falecido. E eu não respeitava muito meu pai. (Hoover, 2016, p. 24)

É justificável a atitude de Lily, as interações e atitudes que teve com as pessoas ao seu redor, impediu que a sua própria filha tivesse respeito por ele, e o considerasse como uma pessoa que deveria ser lembrada por suas boas qualidades, considerando que aqueles que conviviam diariamente — sua filha e sua esposa — conheciam a sua verdadeira identidade, a versão que buscava esconder de todos.

Infelizmente, quanto ao que diz respeito à relação entre o pai e mãe da personagem principal, temos a triste realidade de um relacionamento tóxico e abusivo, em que foram cometidos atos de violência doméstica. Vale ressaltar que, enquanto todos da cidade consideravam o pai de Lily, Andrew Bloom, um grande prefeito, dono de uma imobiliária de sucesso, casado com a respeitosa e virtuosa, Jenny Bloom, sendo um casal respeitado por todos; a realidade dentro de sua casa não era um conto de fadas.

Apesar das aparências que algumas pessoas costumam expor diante a sociedade, a verdade que se passa nos relacionamentos pode ser completamente diferente. Agressões físicas, emocionais e sexuais podem acontecer em qualquer classe social, e muitas vezes ninguém sabe o que realmente acontece nos lares de muitas famílias, pois enquanto alguns membros apresentam uma boa reputação fora de casa, a sua versão conhecida pelas pessoas mais próximas pode ser completamente diferentes.

Antes de comentar sobre o relacionamento de Lily com Ryle, gostaríamos de trazer alguns trechos para entendermos a relação entre Lily e sua mãe. Durante grande parte da sua vida, ela cresceu julgando a mãe por ter continuado com o esposo, desenvolvendo o sentimento de ressentimento por ela por não ter desistido de seu

matrimônio. Mesmo se preocupando com ela e tendo uma relação próxima, Lily demonstrava não concordar com suas escolhas.

Infelizmente, devido à escolha da mãe de ter permanecido casada, automaticamente Lily foi submetida à posição de vivenciar grandes traumas. Jenny, mesmo sendo a esposa do prefeito, uma mulher íntegra, era uma mulher sem amizades, não tinha família, e desse modo, se encontrou em uma posição, em que não havia um círculo de apoio, tanto para compartilhar os seus medos e para pedir ajuda. E, considerando que o marido era uma figura de poder para a cidade, a opinião dele era válida para muitos, um dos motivos para que a sua família mantivesse suas vidas privadas, pois mesmo Lily, nunca teve muitas amizades, e o hábito de visitar conhecidos.

Largo o celular na cama e, pela primeira vez desde que minha mãe se mudou, fico feliz por ela morar razoavelmente perto. Na verdade, não tem sido tão ruim. Acho que gosto mais dela agora que meu pai faleceu. Guardei muito ressentimento por ela nunca tê-lo deixado. Apesar de boa parte desse ressentimento ter passado, o que sinto por meu pai continua.” (Hoover, 2016, p.63)

Juro que às vezes fico com muita raiva dela por ainda estar com ele. Sei que só tenho 15 anos e que não entendo todas as razões que a levam a ficar com ele, mas eu me recuso a deixar ela me usar como desculpa. Não me importa se é pobre demais para sair de casa, nem se a gente teria de se mudar para um apartamento péssimo e comer miojo até eu me formar. Seria melhor que a situação atual. (Hoover, 2016, p. 68)

Com a decisão de não se separar do marido, isso afetou de algum modo, a relação de mãe e filha. Mas é importante refletirmos sobre a situação da vítima, mesmo considerando o fato de Lily ter crescido em meio a um exemplo terrível de relacionamento — não sendo esse um ambiente adequado para qualquer pessoa —, Jenny se encontrava na posição de vítima de agressão, chegou a ser violentada sexualmente pelo próprio marido, e também foi vítima de manipulação.

Quando acompanhamos a história de Ryle e Lily, podemos observar durante algumas partes do livro, momentos em que Lily realiza comparações entre o seu parceiro e o próprio pai, pois mesmo diante das situações em que Ryle demonstra ser uma pessoa agressiva, Lily sempre busca desvencilhar essa imagem da figura que era o seu pai. Nos seguintes trechos podemos analisar a personalidade agressiva dessa personagem, logo no primeiro momento em que eles se conhecem:

Parece à beira de um colapso. Considero dizer alguma coisa, ou pigarrear, para alertá-lo de que tem companhia, mas, antes que eu o faça, ele gira e chuta uma das cadeiras do terraço.” Eu me retraio quando

o móvel arranha o telhado, mas, como ele não imagina ter plateia, não para com um só chute. Ele atinge a cadeira repetidamente, sem parar. E, em vez de se render sob a força bruta daquele pé, a cadeira apenas se afasta cada vez mais. (Hoover, 2016, p.11)

Aquela cadeira deve ser feita de polímero resistente à maresia. Certa vez, vi meu pai atropelar uma mesa de jardim feita desse polímero: a coisa praticamente riu. O para-choque amassou, mas a mesa nem arranhou. (Hoover, 2016, p.11)

Em um momento de frustração, sem perceber que tinha companhia, Ryle busca extravasar a sua raiva chutando uma cadeira. Lily como telespectadora, logo assimila essa situação com um momento do passado, quando o pai tentou atropelar uma mesa de jardim, feita também de material resistente.

Em uma das conversas entre Lily e Ryle, o médico deixa claro a sua opinião sobre relacionamento:

— Sinto repulsa só de pensar em casar — confessa ele. — Estou com quase 30 anos e não tenho a menor vontade de encontrar uma esposa. E principalmente não quero filhos. A única coisa que quero na vida é sucesso. Muito. Mas, se eu admitir isso em voz alta para alguém, vai parecer arrogância. (Hoover, 2016, p. 27)

Enquanto Lily está consciente em outra conversa de que ambos esperam algo diferente em relação a relacionamentos: “— Sei que não. Mas prefiro deixar assegurado que eu não tentei te encurralar de alguma maneira. Nós queremos coisas diferentes da vida, lembra?” (Hoover, 2016, p. 59) A relação de Ryle e Lily, vai se construindo com uma evidente atração entre ambos, mas mostrando que enquanto ele não quer nada sério, que busca apenas relações casuais, ela espera construir uma família e ter um relacionamento sério. Mas, eles se encontram em alguns momentos, e Ryle sempre busca flertar com ela de algum modo, ao mesmo tempo que age com indiferença. Temos uma parte do livro, durante o aniversário de Alysa — irmã de Ryle, e funcionária da floricultura de Lily —, em que após Lily chegar acompanhada, Ryle age com ciúmes e de modo imaturo, mostrando traços de sua personalidade tóxica e possessiva:

— Você veio com alguém?

Ryle pergunta isso como se fosse uma curiosidade casual, mas sei que não é. Quando não respondo, ele se inclina até sussurrar em meu ouvido. Ele repete a frase, mas dessa vez não é uma pergunta.

— Você veio com alguém. (Hoover, 2016, p. 90)

Ele joga a taça vazia em uma lixeira no canto da sala. Acerta, mas o vidro estilhaça ao bater no fundo do lixo vazio. Olho ao redor, mas ninguém reparou no que aconteceu. Quando olho de novo para Ryle, ele está no

meio do corredor. Some dentro de um quarto, e eu fico parada, observando a foto outra vez. (Hoover, 2016, p. 90)

A gente tem acesso a essa personalidade de Ryle, antes mesmo deles começarem um relacionamento. Ele quer ter Lily, mas os objetivos de ambos quando o assunto é relacionamento são diferentes, mas ao mesmo tempo ele não se afasta, e age com ciúmes. A própria Lily fica irritada com as ações de Ryle: “Aquele homem tem uma foto minha pendurada na parede do apartamento. Ele comprou flores para mim. Está irritado comigo porque apareci acompanhada na festa de sua irmã. Está se comportando como se tivéssemos alguma coisa, mas sequer nos beijamos!” (Hoover, 2016, p. 91) Infelizmente, após esse episódio Lily e Ryle vão iniciar um relacionamento. É triste pensar que ele deu sinais no início, da sua verdadeira personalidade, de ser uma pessoa inflexível, mas mesmo assim eles começam a se envolver.

— Não tenho ideia do que estou fazendo. Você me dá vontade de ser uma pessoa diferente, mas e se eu não souber ser o que você precisa? É tudo novidade para mim, e quero provar que a desejo por muito mais que uma noite.

Ryle parece tão vulnerável... Quero acreditar em seu olhar genuíno, mas ele tem sido tão inflexível desde o dia em que o conheci, dizendo que quer exatamente o oposto do que eu quero. Tenho muito medo de ceder e ele ir embora. (Hoover, 2016, p.97)

No início do relacionamento, podemos assistir a momentos felizes do casal. Em um trecho específico da narrativa, podemos notar as opiniões de Ryle, sobre estar em um relacionamento:

Ryle: Eu tinha medo de que um relacionamento fosse aumentar as minhas responsabilidades. Por isso os evitei a vida inteira. Já tenho preocupações demais, e ver o estresse que o casamento de meus pais causou para os dois, e os casamentos que deram errado de alguns amigos... eu não queria nenhuma dessas coisas. Mas depois de hoje, percebi que talvez tenha muita gente fazendo tudo errado. Porque o que está acontecendo entre nós dois não parece uma responsabilidade. Parece uma recompensa. E vou dormir pensando no que fiz para merecer isso. (Hoover, 2016, p. 160)

Pode parecer que tudo irá ocorrer bem, que viverão uma emocionante história de amor, mas essa não é a realidade do relacionamento dos dois. Lily irá passar por três episódios de agressão.

Durante um jantar entre o casal, em que ambos haviam iniciado a noite com uma taça de vinho, quando o ensopado que estava no forno começa a queimar, Ryle

inesperadamente retira o prato do forno sem nenhuma proteção, queimando as mãos. Antes do acidente, ele havia comentado que iria participar de uma cirurgia importante, e que as suas mãos são a sua uma importante ferramenta de trabalho. A reação de Lily após Ryle se queimar, foi dar risadas, e enquanto Ryle amparava a mão embaixo da água da torneira da pia, Lily ao se aproximar é empurrada por ele com o braço, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio e acertasse o rosto no puxador do armário. Nos próximos trechos, poderemos analisar a reação de Lily, diante dessa triste situação.

O ensopado cai de sua mão e se espatifa no chão, espalhando comida para todo lado. Levanto o pé para desviar dos cacos de vidro e do frango com cogumelos. Começo a rir assim que percebo que ele nem considerou usar um pegador de panela.

Deve ser o vinho. Esse vinho é muito forte.

Ele bate a porta do forno e vai até a torneira, colocando a mão debaixo da água fria, murmurando palavras. Tento me segurar para não rir, mas o vinho e todas as coisas ridículas que aconteceram nos últimos segundos não me ajudam. Olho para o chão, para a bagunça que vamos ter que limpar, e caio na gargalhada. Ainda estou rindo enquanto me inclino para dar uma olhada na mão de Ryle. Espero que ele não tenha se machucado muito feio.

De repente, não estou mais rindo. Estou no chão, pressionando a mão no canto do olho.

Em questão de um segundo, o braço de Ryle apareceu do nada e me atingiu, me derrubando para trás. Ele usou força suficiente para que eu me desequilibrasse. Quando caí, meu rosto bateu em um dos puxadores do armário.

(...)

— Me desculpe mesmo. Foi só que... Eu queimei minha mão. Entrei em pânico. Você estava rindo e... me desculpe mesmo, Lily, aconteceu muito rápido. Eu não queria te empurrar, Lily, me desculpe.

Dessa vez, não escuto a voz de Ryle. Tudo o que ouço é a voz de meu pai. “Desculpe, Jenny. Foi um acidente. Me desculpe mesmo”

— Desculpe, Lily. Meu Deus, me desculpe mesmo. — Ele enfia o rosto em meu cabelo, me apertando com tudo o que está sentindo. — Por favor, não me odeie. Por favor.

Sua voz volta lentamente a ser a voz de Ryle, e eu a sinto na barriga, nos dedos dos pés. Sua carreira inteira depende da mão, então o fato de ele nem estar preocupado com ela só pode significar alguma coisa. Não? Estou tão confusa.

(...)

Ele não é como meu pai. Não pode ser. Não é nada parecido com aquele filho da mãe insensível.

(...)

Sinto seus braços envolverem minha cintura, e ele me levanta, passando cuidadosamente pela bagunça que fizemos. Ainda não sei se estou desapontada com ele ou comigo mesma. Com ele por ter se descontrolado, ou comigo porque, de algum modo, encontrei consolo em seu pedido de desculpas. (Hoover, 2016, p.184-187)

Essa cena carrega um peso muito grande para o leitor, pois além de ser a primeira vez que Lily sofre uma agressão física, uma das primeiras coisas que ela faz é perceber que as palavras de Ryle são semelhantes às que o seu pai já usou um dia com sua mãe: “Desculpe, Jenny. Foi um acidente. Me desculpe mesmo.” (Hoover, 2016, p.186).

Outro detalhe que podemos observar é como Lily busca desvencilhar a imagem do pai em relação ao Ryle, pois é perceptível que ela não quer estar enganada em relação a sua escolha, e estar com alguém parecido com aquele que ela odiou a vida inteira. Lily também reage como muitas mulheres que se encontram em um relacionamento abusivo, podemos perceber que ela busca criar justificativas para as ações de Ryle como um meio de buscar acreditar que foi apenas um acidente, e de que ela não estava errada ao escolher ficar com ele, mesmo que no fundo ela saiba que isso não é o certo a ser feito.

Outro traço perceptível de um padrão de relacionamento abusivo é o fato de que no dia seguinte durante um jantar do casal com Alysa e o marido, o agressor acaba mentindo sobre como Lily realmente se machucou: “— O azeite se espalhou por todo canto. Quando ela escorregou, foi tão fofo que parecia uma bailarina.” (Hoover, 2016, p. 193) Nesse dia do jantar, todos estão no restaurante de Atlas, que até então, Lily pensava que ele trabalhava apenas como garçom, e assim que Atlas percebe o ferimento de Lily e a mão enfaixada de Ryle, ele automaticamente entende o que aconteceu. Ryle e Atlas acabam discutindo no corredor do restaurante, e o antigo amigo de Lily o expulsa do local. No dia seguinte, Atlas vai até a floricultura de Lily para se desculpar por sua atitude, e lhe entregar um presente, mas antes de ir embora, ele anota o seu número de celular em um *post-it* e o coloca dentro da capinha de celular de Lily, para caso ela precise dele algum dia.

Após seis meses do relacionamento de Lily e Ryle, eles se casaram, e algum tempo depois, teremos outro relato de agressão doméstica. Enquanto Lily estava no banho, Ryle acabou encontrando o número do telefone de Atlas na capinha de celular de Lily, e acaba cometendo a agressão, empurrando-a da escada:

Tento não molhar o cabelo enquanto me enxaguio porque já estamos atrasados. Pego a gilete e a encosto na axila quando escuto um estrondo. Paro.
— Ryle?
(...)
—- Engraçado — diz ele, colocando meu celular na mesa de centro à frente. — Derrubei seu celular sem querer. A capa saiu. E encontrei esse número escondido atrás.

(...)

Ele amassa o papel.

— Aí pensei: Hum, que estranho, Lily não esconde coisas de mim. — Ele se levanta e pega meu celular. — Então liguei para o número. — Cerra o punho ao redor do celular. — Ele deu sorte porque caiu na porra da caixa postal.

Ryle joga meu celular do outro lado da sala. O aparelho bate na parede, se despedaçando no chão.

Há uma pausa de três segundos, e penso que duas coisas podem acontecer.

Ele vai me deixar.

Ou ele vai bater em mim.

Ryle passa a mão no cabelo e vai direto para a porta.

Ele me deixa.

— Ryle! — grito.

(...)

— Ryle, por favor, me deixe explicar.

Ele agarra meus pulsos e me empurra para longe.

(...)

Fecho os olhos de novo e tento lembrar por que está zangado, magoado.

Meu celular.

O número de Atlas.

A escada.

Agarrei sua camisa.

Ele me empurrou.

— Você caiu da escada.

Mas eu não caí.

Ele me empurrou. De novo.

É a segunda vez.

Você me empurrou, Ryle.

(...)

Espero que ele tente amenizar a situação como fez da última vez que me machucou, mas isso não acontece. (Hoover, 2016, p. 228-231)

Por meio da leitura deste trecho percebemos que Lily já sente medo da forma como Ryle irá reagir ao comentar: “Há uma pausa de três segundos. Ele vai bater em mim. Ou ele vai me deixar” (Hoover, 2016, p.229). Neste momento, é notório que, além de sentir medo, outro sentimento presente na personagem é o de abandono, existe o medo de que o marido a deixe. Logo em seguida, temos a repetição do mesmo padrão da primeira agressão, ele vai agredi-la, mas dessa vez ele não pede desculpas de imediato, ele vai colocar a culpa nela, dizendo que ela caiu da escada, quando na verdade foi ele quem a empurrou.

No próximo trecho, poderemos acompanhar os sentimentos de Lily em relação ao Ryle, e a forma como ela busca meios de distanciar a personalidade do seu marido com a de seu pai, mesmo que eles não sejam completamente iguais em todas as circunstâncias, eles são de fato agressores:

Sei que ele é esquentado. Percebi isso na noite em que nos conhecemos, antes mesmo de nos falarmos. Percebi isso naquela noite terrível em minha cozinha. Percebi isso quando ele encontrou um número de telefone dentro da capa de meu celular.

Mas também sei da diferença entre Ryle e meu pai.

Ryle é compassivo. Faz coisas que meu pai nunca teria feito. Ele doa para caridade, se importa com os outros, me coloca em primeiro lugar. Ryle nunca na vida me faria estacionar na frente de casa e ficaria com a vaga da garagem.

Preciso me lembrar dessas coisas. Às vezes, a garota dentro de mim — a filha de meu pai — tem opiniões muito fortes. Ela me diz que eu não deveria ter perdoado Ryle. Ela me diz que eu deveria ter ido embora logo na primeira vez que aconteceu. E, às vezes, acredito nessa voz. Mas depois o lado que conhece Ryle entende que casamento não são perfeitos. Em determinados momentos acontecem coisas das quais os dois se arrependem. E eu me pergunto como eu me sentiria comigo mesma se tivesse partido depois do primeiro incidente. Ele nunca deveria ter me empurrado, mas também fiz coisas das quais não me orgulho. Se eu tivesse simplesmente ido embora, teria contrariado nossos votos de casamento? Na alegria e na tristeza. Eu me recuso a desistir de meu casamento com tanta facilidade.

Sou uma mulher forte. Convivi com situações de violência a vida inteira. Jamais vou me tornar minha mãe. Acredito cem por cento nisso. E Ryle nunca vai se tornar meu pai. O incidente da escada foi necessário para que eu descobrisse seu passado e para que pudéssemos trabalhar a questão juntos.

Na semana passada, brigamos de novo.

Fiquei com medo. Nossas outras duas brigas não acabaram bem, e eu sabia que a próxima poria em teste minha decisão de ajudá-lo com a raiva. (Hoover, 2016, p. 244-245)

Esse trecho tem uma frase muito reflexiva, a forma como a personagem Lily enxerga a desistência do relacionamento como um sinal de fraqueza. Infelizmente, essa é a realidade de muitas vítimas, pois de acordo com o que aprendemos em meio a sociedade, como os próprios votos matrimoniais citam, o casamento é algo sagrado, e assim as vítimas não conseguem se libertar de seus relacionamentos, por conta desses ideais que elas carregam consigo mesmas.

Mas precisamos estar alertas, que muito pouco é falado ou até mesmo moralmente condenadas pela sociedade as violências causadas pelos agressores, que, mesmo violentando suas parceiras, ainda são homens livres, que não carregam o peso do julgamento social como acontece com as vítimas, que tanto já sofreram, e comumente são expostas a olhares de julgamento e ofensas, quando deveriam ser acolhidas e amparadas para que os seus traumas sejam superados e a justiça realizada.

Prosseguindo na análise do livro, mesmo após essa agressão, Lily ainda permanece em seu relacionamento com Ryle, e as consequências são ainda maiores com o passar do tempo, pois ele irá agredi-la pela terceira vez. Esse é um dos relatos mais difíceis de ler, podemos perceber o desespero de Lily, como leitores, sentimos ódio de Ryle, e é lastimavelmente muito similar com uma situação que ocorre entre o pai e a mãe de Lily. Ambas as figuras masculinas, após uma situação gerada por ciúmes, irão tentar violentar sexualmente as suas próprias esposas.

Ele está encostado na parede, ao lado da geladeira; os pés, cruzados na altura dos tornozelos; os olhos, semicerrados em minha direção. Ele revira alguma coisa entre os dedos e me encara.

Meus olhos se desviam para o balcão à esquerda, e vejo um copo vazio que devia estar com uísque há pouco. Ele bebe de vez em quando porque o ajuda a dormir.

(...)

Seus olhos se fixam em sua mão, e percebo que está segurando o ímã de Boston. Eu o trouxe do apartamento antigo e o coloquei na geladeira quando nos mudamos.

Ele o devolve à geladeira e dá um tapinha nele.

— De onde veio isso?

Olho para o ímã e depois para ele. A última coisa que quero é dizer que o ganhei de Atlas em meu aniversário de 16 anos. Isso apenas traria à tona um assunto ainda sensível para nós dois, e estou animada demais com o que vai acontecer daqui a pouco para contar uma verdade nua e crua.

Dou de ombros.

— Não lembro. Tenho há um tempão.

(...)

— De onde veio aquele ímã, Lily?

O quê?

Sinto como se meu coração estivesse batendo ao contrário.

Por que ele insiste na pergunta?

(...)

Seus lábios encostam bem em cima de minha tatuagem, e depois seus dentes cravam minha pele com tanta força que eu grito. (Hoover, 2016, p. 257-262)

A partir desse momento, depois desta agressão e tentativa de estupro, é possível acompanhar a forma como Lily irá refletir sobre a questão da violência doméstica. Após a tentativa de abuso de Ryle, Lily irá conseguir telefonar para Atlas em busca de ajuda. A caminho do hospital, ela irá comentar sobre não querer ser levada para o mesmo local que ele trabalha, ainda com o intuito de que as pessoas não saibam que ele foi responsável pelos machucados. Nesse atendimento, ela descobrirá que está grávida, e a sua vida está prestes a mudar completamente. Ela irá passar a gestação longe de Ryle,

buscando enfrentar cada dia, se distanciando também de Atlas, mesmo que ele tenha sido um grande apoio. Mas o seu foco é reconstruir a sua vida, e cuidar da sua filha.

Diferente da sua mãe Lily irá tomar uma iniciativa que irá permitir que a sua filha tenha uma oportunidade melhor no futuro, que ela seja capaz de crescer em um ambiente livre, distante de um ambiente desagradável e violento. Lily irá quebrar esse padrão, no momento em que decide pedir o divórcio para Ryle, criando um mundo de possibilidades para que a sua criança cresça em um verdadeiro lar, repleto de amor, carinho e proteção.

Antes de terminar essa análise, gostaríamos de citar um trecho, que nos faz refletir sobre como a sociedade está absurdamente errada em relação aos seus julgamentos direcionados às vítimas de violência doméstica, que precisavam apenas de apoio, compreensão, em vez de críticas e apontamentos.

Enquanto o encaro, penso em como é fácil julgar os outros quando estamos de fora. Eu, inclusive, passei anos julgando minha mãe.

Quando estamos de fora, é fácil acreditar que conseguiríamos ir embora num piscar de olhos se alguém nos tratasse mal. É fácil dizer que não continuaríamos amando quem nos trata mal se não somos nós que amamos a tal pessoa.

Quando se sente isso na pele, não é tão fácil odiar a pessoa que te trata mal, porque na maior parte do tempo ela é uma benção divina. (Hoover, 2016, p.334)

A teoria apresentada por Sigmund Freud em *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914) mostra-se fundamental para a compreensão da trajetória de Lily Bloom ao longo do romance *É assim que acaba*. Segundo Freud, quando o sujeito não consegue elaborar conscientemente experiências traumáticas do passado, tende a repeti-las de forma inconsciente em suas relações futuras. No caso de Lily, a convivência com um pai agressor marcou profundamente sua formação emocional, ainda que ela nutrisse sentimentos de revolta e repulsa pelas atitudes dele. Essa ausência de elaboração psíquica faz com que o trauma não seja superado, mas atualizado na vida adulta, manifestando-se na escolha de um parceiro que reproduz padrões semelhantes de violência e controle.

Desse modo, Ryle não surge apenas como um personagem isolado em sua brutalidade, mas como uma projeção inconsciente da figura paterna de Lily. A repetição do padrão abusivo evidencia o que Freud define como *compulsão à repetição*, mecanismo pelo qual o indivíduo revive situações dolorosas na tentativa inconsciente de

dominá-las ou ressignificá-las. Entretanto, ao invés de promover cura, essa repetição aprisiona Lily em uma dinâmica de sofrimento que ecoa sua infância. Suas atitudes durante o relacionamento, como evitar ser atendida no hospital onde o marido trabalha para preservar sua imagem profissional, justificar as agressões sofridas, atribuir a culpa a si mesma e insistir na manutenção do matrimônio, refletem comportamentos semelhantes aos de sua mãe, que também permaneceu ao lado do agressor em nome da família e da esperança de mudança.

Nesse sentido, Lily não apenas repete o papel de vítima, mas reproduz o lugar de silenciamento e submissão aprendido no ambiente familiar. A falta de elaboração do trauma impede que a personagem transforme a lembrança em aprendizado consciente, mantendo-a presa a um ciclo de dor que atravessa gerações. Somente quando Lily começa a reconhecer esse padrão e confrontar a realidade da violência é que se inicia um possível movimento de elaboração, rompendo com a repetição automática descrita por Freud.

Por fim, é imprescindível destacar que a responsabilidade pela violência não recai sobre aqueles que acreditaram no amor ou que desejaram que a história tivesse um desfecho diferente. Conforme evidenciado na narrativa, o erro não está na escolha de amar, mas nas ações daqueles que prometeram cuidado, respeito e proteção, e que, ao invés disso, exerceram controle, agressividade e negligência. Ao expor essa dinâmica, Colleen Hoover contribui para a desconstrução da culpabilização da vítima, evidenciando que o verdadeiro “monstro” não é quem espera mudança, mas quem transforma o amor em um espaço de medo e insegurança.

1.6. Considerações Finais

A presente análise dos trechos do livro *É assim que acaba* nos ajuda a enxergar como a sociedade está errada, como essa cultura social de julgar as vítimas está presente em diversas ocasiões.

Quando escutamos relatos de agressões, acompanhados do horror, está também a realidade em que muitos questionam logo em seguida a vítima, “Por que aturou tal situação por tanto tempo?!” , “Apanhou porque quis”. Mas não vemos essas reações negativas em relação ao agressor, ainda podemos ver as pessoas o cumprimentando pela rua mesmo que todos saibam de suas atitudes.

O enredo de *É assim que acaba* realmente nos faz ter ódio do agressor, nos ajuda a perceber como leitores que não existe nada que justifique atitudes agressivas. Mesmo a obra contando o histórico do passado de Ryle, em que acidentalmente ele assassinou o próprio irmão quando eram crianças com uma arma de fogo, e sendo causa de sua personalidade instável e agressiva (segundo a escrita da autora), esses fatos não ampara as agressões cometidas por ele.

Um detalhe importante a ser observado durante a leitura do livro é que Atlas, também veio de um ambiente familiar abusivo — onde a mãe e seus maridos o maltratavam, e a personagem carrega cicatrizes no braço de queimadura de cigarro— mas essas experiências não fizeram com que ele fosse um reflexo das pessoas que cometeram essas agressões. É na verdade um personagem extremamente bondoso, atencioso, que mesmo tendo um passado conturbado e sofrido, foi capaz de se tornar um grande chefe de cozinha e abrir o seu próprio restaurante, tratando todos ao seu redor com muito respeito, se desvencilhando das sombras do seu passado.

Essa comparação nos ajuda a perceber, que mesmo tendo o passado com histórias perturbadoras, a versão que a pessoa se torna de si mesma no futuro dependerá das escolhas que ela faz por si mesma, pois mesmo quando vivenciamos algumas situações traumáticas, temos o direito de mudar o percurso, podemos fazer escolhas diferentes, em busca de resultados melhores.

Temos a oportunidade de aprender com os nossos erros, e de buscar forças para que os nossos traumas não nos persigam pelo resto de nossas vidas. A pessoa que queremos ser, depende exclusivamente de quem somos no presente.

A relação de Lily e Atlas também nos permite enxergar que relacionamentos bons e saudáveis podem ser construídos, mesmo que pessoas do passado tenham cometido grandes erros e gerado traumas, existem outros relacionamentos que ajudam a curar essas feridas, e até mesmo contribuem para o processo de autoconhecimento e crescimento pessoal. A vida não se resume aos momentos ruins, novas histórias, com um caminho mais feliz podem acontecer.

Queremos comentar também a respeito da necessidade que sentimos durante o início da leitura de ter uma página com alerta sobre os temas sensíveis abordados pelo livro, pois eles podem vir a desencadear gatilhos para muitos leitores, que talvez não saibam de antemão sobre o que se é tratado na narrativa.

Esse livro é uma leitura importante, que deveria ser realizada por todos, mas principalmente pelas mulheres, pois durante a leitura podemos perceber muitos momentos em que mesmo antes de se iniciar o namoro entre Ryle e Lily, ele demonstrou ser uma pessoa agressiva, ciumenta e de personalidade instável.

Desse modo, a narrativa pode trazer ao leitor um alerta de que devemos estar atentos às ações e reações das pessoas que estão ao nosso redor, pois quando demonstramos cuidados ao julgar o caráter dessas pessoas podemos talvez evitar a probabilidade de nos envolver com pessoas perigosas. Sabemos que nem sempre é perceptível, que muitos escondem a sua verdadeira identidade, mas se pudermos ter esse cuidado antes de nós iniciarmos um relacionamento, pode ajudar a evitar grandes sofrimentos.

E, ao mesmo tempo que a leitura nos ajuda a ter essa noção sobre ações que refletem a verdadeira essência dessas pessoas, nos mostra a importância de termos pessoas confiáveis ao nosso redor, como Alysa, que ao mesmo tempo que era amiga de Lily, era também irmã de Ryle, mas isso nunca a impediu de estar do lado certo, esse fato nunca fez com que ela defendesse o Ryle.

É assim que acaba é um livro que pode auxiliar algumas mulheres a perceberem em qual tipo de relacionamento se encontram, e mostrar que as repetições de padrões sempre terão as mesmas consequências, mas que para um bem maior, mantendo a esperança e encontrando os apoios certos, é possível e necessário buscar ajuda, buscar mudanças.

Em nosso entendimento, o livro não chegou a abordar esta parte da realidade, mas existem grandes redes de apoios, grupos de acolhimento, a própria delegacia da mulher que possibilita apoio e auxílio tanto jurídico quanto psicológico para mulheres em situações de violência doméstica, ou que estão em um relacionamento abusivo.

A autora escreveu a história, inspirada na relação de seus próprios pais, no fim do livro em uma página intitulada: *Nota da Autora*, ela relata a sua história, sobre como uma das cenas que acontece no livro, a primeira agressão de Ryle, foi inspirada em uma cena real, que aconteceu com seus pais. E assim como Lily, a sua mãe tomou a iniciativa de terminar o seu casamento, pensando principalmente em como as suas filhas não poderiam permanecer em um ambiente com situações perigosas.

Que as pessoas percebam que mesmo se estiverem enfrentando grandes desafios em seu presente, que seu futuro seja repleto de conquistas, que possam perceber que

para todos os sonhos que ainda não foram realizados, ainda há tempo de se tornarem realidade. Não esqueça que antes de amar alguém é necessário amar a si mesmo, quando você decide confiar em alguém, e as consequências acabam sendo decepcionantes, a culpa não é sua, e sim daquele que não soube valorizar a sua confiança e a oportunidade de fazer as escolhas certas.

Referências

FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

HOOVER, C. **É assim que acaba**. 39. ed. Rio de Janeiro: Galera, 2023.

MONTORO, A. C. Violência doméstica contra a mulher cresce 9,8% no Brasil, aponta Anuário de Segurança Pública. **Exame**, 2024. Disponível em: <https://exame.com/brasil/%E2%81%A0violencia-domestica-contr-a-mulher-cresce-98-no-brasil-aponta-anuario-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 18 nov. 2024.